



SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

MAYA WEISHOF
Espelho Espanto
Mirroring Astonishing

19 setembro - 31 de outubro
september 19 - october 31

A galeria de São Paulo está aberta ao público com hora marcada. Agende sua visita pelo site ou telefone.

The São Paulo gallery is open to the public by appointment. Schedule your visit by website or phone.

são paulo
rua sarandi 113 a
01414-010 sp brasil
info@simoesdeassis.com
+55 11 3062-8980

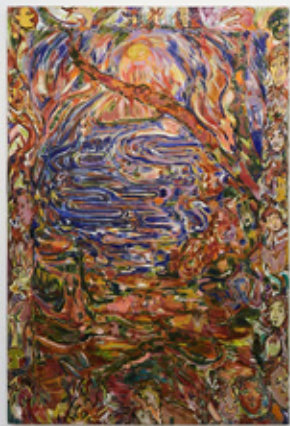
simoesdeassis.com
@simoesdeassis_



Os olhos que ele dizia estarem mortos, 2020
óleo sobre linho
148 x 110 cm
oil on linen
58 $\frac{17}{64}$ x 43 $\frac{5}{16}$ in



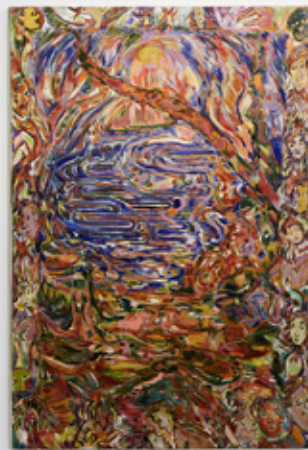




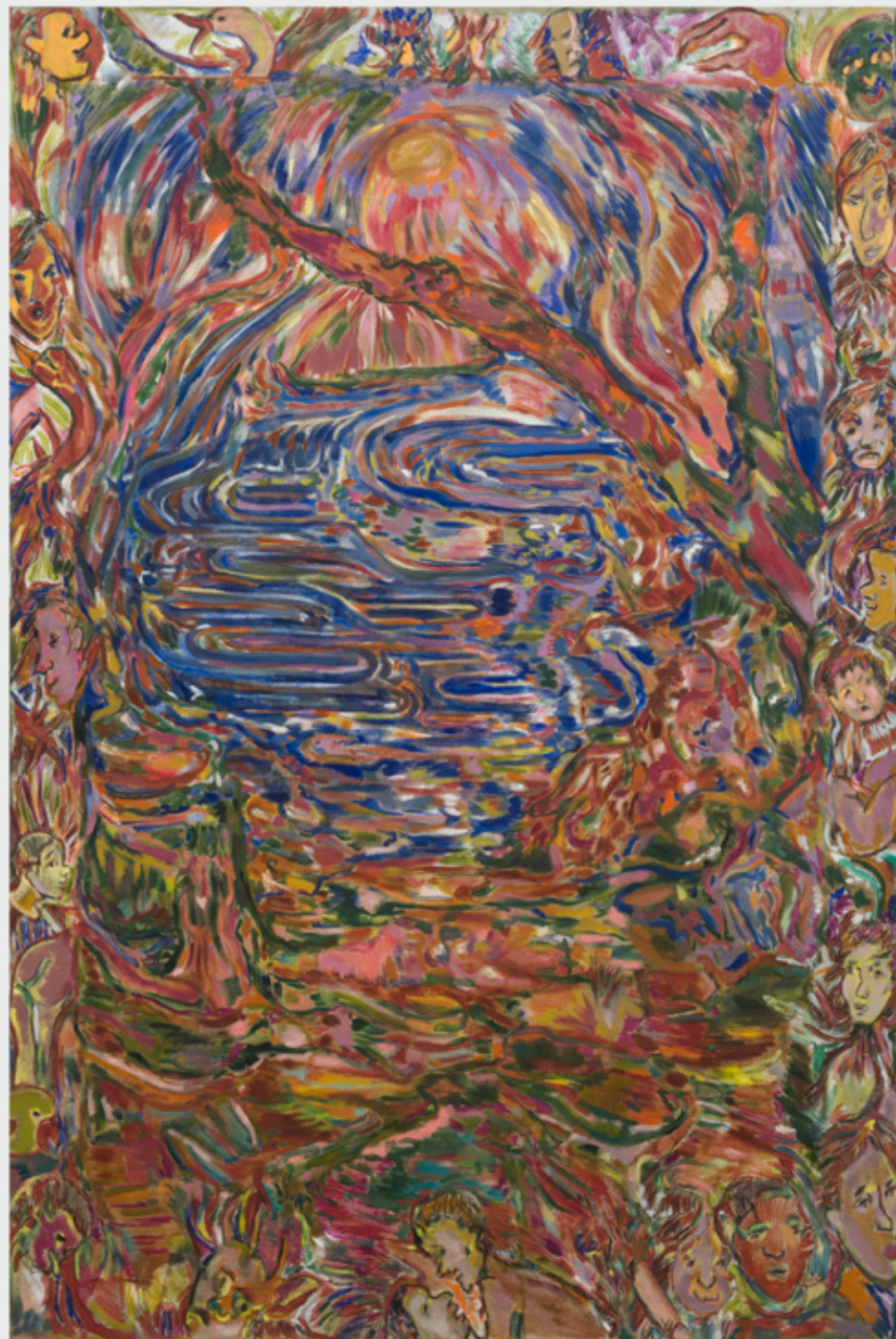
Fofoca, 2020
óleo sobre linho
63 x 44 cm
oil on linen
24 ⁵/₆₄ x 17 ²/₆₄ in







Povoar o tempo, 2020
óleo sobre linho
200 x 135 cm
oil on linen
78 ⁴⁷/₆₄ x 53 ⁵/₃₂ in



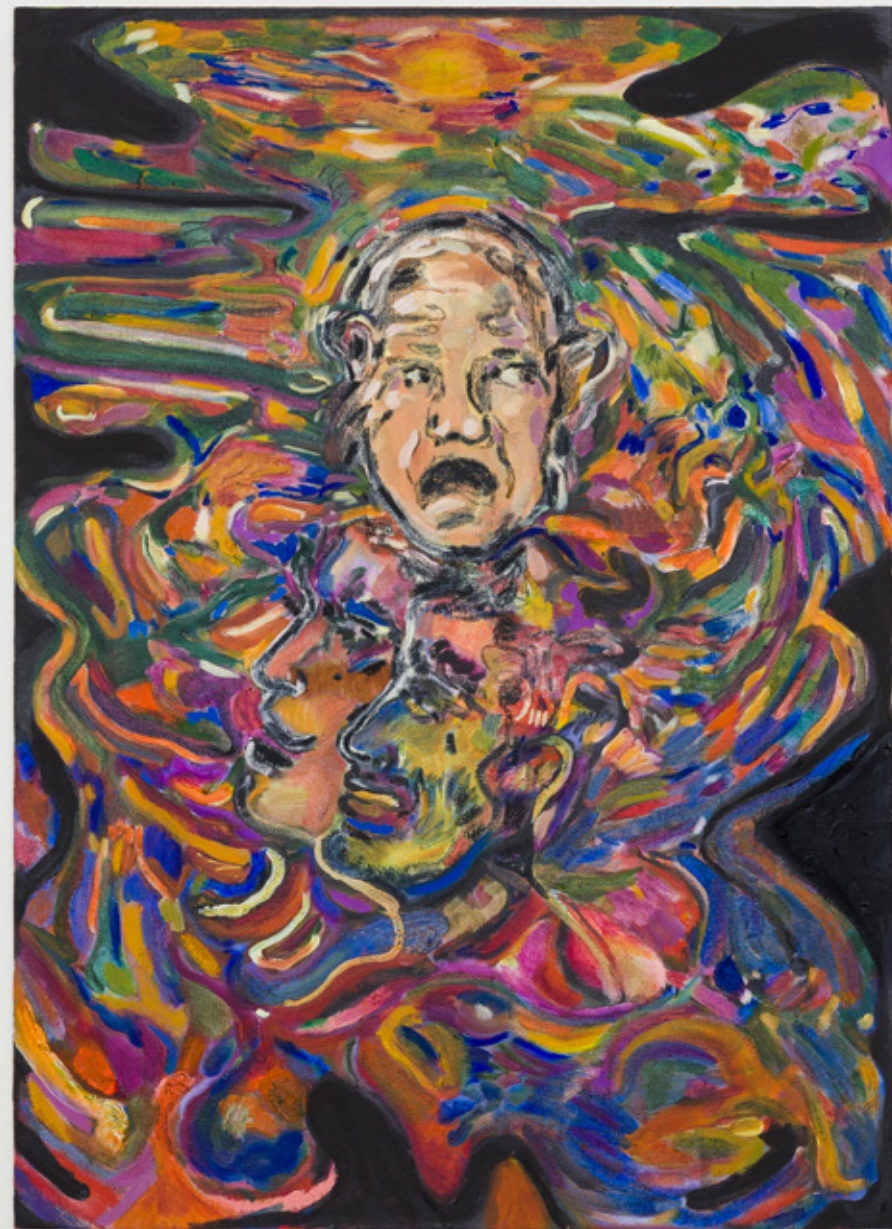
A janta, 2020
óleo sobre linho
200 x 150 cm
oil on linen
78 47/64 x 59 1/16 in

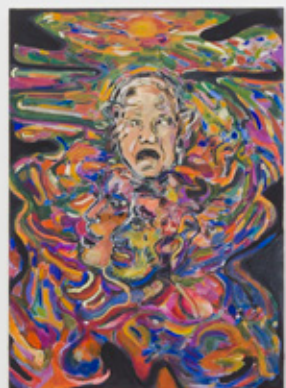




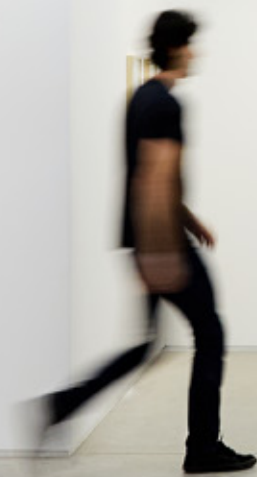


Olhar para o próprio sol, 2020
óleo sobre linho
87 x 62 cm
oil on linen
34 1/4 x 24 13/32 in









Estrias na barriga do rio, 2020
óleo sobre linho
195 x 164 cm
oil on linen
76 ⁴⁹/₆₄ x 64 ⁹/₁₆ in







sauna / teletransporte.

No Japão é proibido entrar nos banhos públicos com roupas de banho e tatuagens. Um corpo tatuado nunca fica nu. Japoneses tatuados são da máfia Yakuza. Em Tokyo existe tudo do mundo inteiro, menos lojas de tatuagem.

A maior sauna gay do mundo é no largo do Arouche, em São Paulo. Mulheres são proibidas de entrar lá, mas as tatuagens são liberadas.

sauna / teleportation.

In Japan it is prohibited to go to public baths wearing bathing suits or tattoos. A tattooed body is never entirely naked. Tattooed Japanese belong to Yakuza mafia. In Tokyo one can find anything from anywhere in the world, except for tattoo shops.

The largest gay sauna in the world is located at Arouche Square, in São Paulo. Women are not allowed, but tattoos are.



Sem título, 2020
grafite sobre papel
30 x 42 cm
graphite on paper
11 13/16 x 16 17/32 in

Hoje em dia ver tornozelos e
panturrilhas em carne e osso é
privilégio de quem vive junto.

Coreografia mais ou menos
ensaiada - a vida dentro de um
retângulo. Zoom.

Trisha Brown desenhava com os pés. Segurar o
lápiz firmemente entre os dedos requer força e
flexibilidade. Se eu mexer esse dedinho a linha
vai nesta ou naquela direção, um calcanhar mal
gerido coloca tudo a perder.

Composição equilibrada, dizem.

O desenho de um corpo que dança ou um corpo
que dança um desenho?

These days, seeing ankles and calves in flesh is a
privilege of those who live together.

Choreography more or less rehearsed – life within
a rectangle. Zoom.

Trisha Brown drew with her feet. Holding a pencil
firmly between the toes requires strength and
flexibility. If I move this little finger this or that way,
a clumsy heel will ruin it all.

Balanced composition, they say.

Is it a drawing of a dancing body or a body
dancing a drawing?

Sem título, 2020
grafite sobre papel
42 x 30 cm
graphite on paper
16 ¹⁷/₃₂ x 11 ¹³/₁₆ in



Criar raízes.
Velar um corpo aleatório
no cemitério do bairro vizinho.
Indigentes. Errantes. Desterrados.

Judeus colocam uma pedra
sobre as lápides de seus entes queridos.
Um seixo cinza pra dizer: eu estive aqui.
As pedras rolam pra outro canto mas a
presença não.

Seguiremos cada um por si, porque já ficou tarde.

"We may not have a home
to call our own
but we're gonna make it"
(Fred Moten).

Create roots.
Mourn a random body
at the cemetery of a nearby village.
Beggars. Wanderers. Unearthed.

Jews place a stone
on the tombstone of their loved ones.
A gray pebble to say: I was here.
The stones roll over but
presence does not.

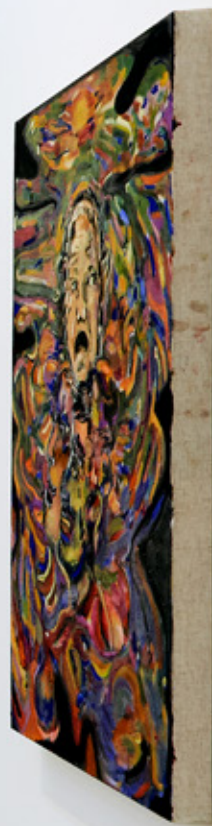
It is already late; each will follow their way

"We may not have a home to call our own
but we're gonna make it"
(Fred Moten).

Sem título, 2020
grafite sobre papel
42 x 30 cm
graphite on paper
16 17/32 x 11 13/16 in







Lápis apontados.

Pontas agudas talhadas com um estilete enquanto pensa na administração de manchas úmidas.

- Não ter que escolher cores as vezes é um alento, Miriam Cahn disse em uma entrevista.

A linha leve e firme ganha espessura no primeiro plano. O diabo sacana. Alguns fragmentos de corpos nus e um fauno de olhar perdido: a linha vai aonde quer. O desenho começa com uma urgência e termina quando a cabeça muda de assunto ou voando pela janela do estúdio, mantida sempre aberta para dissipar o cheiro de terebentina.

- O inferno está cheio de lápis apontados.

Sharpened pencils.

Sharp tips chiseled with a box cutter while focusing on handling wet stains.

- Not having to choose colors is a relief, said Miriam Cahn in an interview.

The light, firm line gains thickness on the first plane. Naughty devil. Some fragments of naked bodies and a faun with a lost gaze: the line chooses its path. The drawing hastily starts and ends when the mind changes subject or the paper flies out of the studio window that is always open to disperse the smell of turpentine.

- Hell is crammed with sharpened pencils.

Sem título, 2020
grafite sobre papel
42 x 30 cm
graphite on paper
16 ¹⁷/₃₂ x 11 ¹³/₁₆ in



Desavenças da sala de jantar.
Jogo de desarmar falsas urgências

Uma tia gosta de usar uma pêra na cabeça e colares de Murano. A outra cansou de reclamar; deixa o moleque ir pra longe. Quem sabe ele volta falando mandarim (hoje em dia dizem que é muito importante)

Talking heads em contra-plogéé

Disagreement at the dining-room.
The game of dismantling false urgencies

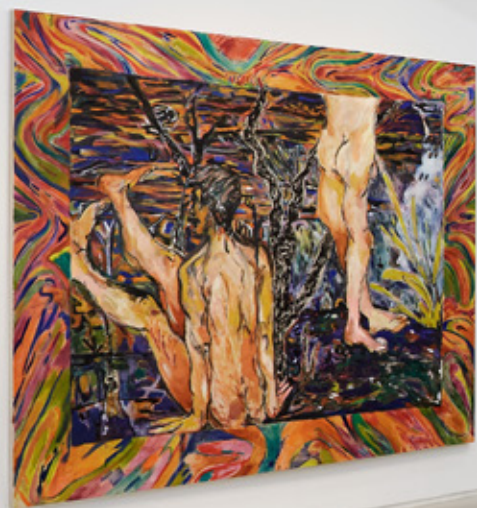
An aunt liked to wear a pear on her head and necklaces from Murano. Another was tired of complaining; let the boy go away. He may come back speaking Mandarin (it is said to be very important these days)

Talking heads in contra-plogéé

Sem título, 2020
grafite sobre papel
42 x 30 cm
graphite on paper
16 ¹⁷/₃₂ x 11 ¹³/₁₆ in









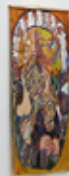
Hábito noturno, 2020
óleo sobre linho
212 x 257 cm
oil on linen
83 $\frac{15}{32}$ x 101 $\frac{3}{16}$ in



Todo mundo viu, 2020
óleo sobre linho
52 x 35 cm
oil on linen
20 $1\frac{5}{32}$ x 13 $\frac{25}{32}$ in









Inferno tropical, 2020
óleo sobre linho
211 x 246 cm
oil on linen
83 $\frac{5}{64}$ x 96 $\frac{27}{32}$ in







Nas primeiras vezes em que visitei o estúdio da Maya Weishof no espaço de residências do Pivô¹, me chamou a atenção o manuseio obstinado que ela fazia de uma grande tesoura, vários lápis de cor e alguns pincéis. Era uma espécie de dança não coreografada e pouco inteligível para os que passavam pelos corredores da instituição, mas não para desenhos espalhados pelas bordas do ateliê-cubículo, que sabem sempre do que aquilo tudo se trata.

Para Maya, alguns desenhos são premissas para pinturas outros são promessas abandonadas. Os traços rápidos em folhas de caderno convivem com pinturas em processo e com outras secando entre retalhos pisoteados e livros manchados.

Qual é a liga entre isso tudo? A fita adesiva logo perde a cola em meio à poeira do centro de São Paulo, embaralhando fragmentos de corpos, monstros meio gente-meio planta, cabeças falantes e toda uma sorte de formas antropomórficas não identificadas. No trabalho de Maya Weishof nada gruda, mas tudo se entrelaça em um ritmo livre e frenético. De James Ensor a Peter Doig, do Patinho Feio às tradições judaicas, suas composições lisérgicas (mas não psicodélicas) adotam uma palheta peculiar, uma espécie de Sonia Delaunay subtropical que transita – elegante e irreverentemente – entre a escatologia e o erotismo; entre a alta costura e boca do lixo.

Outro curitibano, Paulo Leminski, escreveu:

Para que serve a pintura
a não ser quando apresenta
precisamente a procura
daquilo que mais aparente
quando ministra quarenta
enigmas vezes setenta?²

Eu sempre prefiro enigma à prova cabal. E para falar sobre a prática encaracolada de Maya Weishof, optamos por um exercício compartilhado, uma espécie de jogo de associação livre em que o desenho e a escrita se encontram em um lugar que para antes do argumento e da descrição objetiva. “Nunca houve isso, uma página em branco. No fundo todas gritam, pálidas de tanto”³, Leminski diz em outro poema. E o ponto de partida foi justamente esse: sobrepor repertórios, afetos, conversas pregressas e os novos compartilhamentos digitais que ocorreram diante da impossibilidade de visitar a artista e ver as pinturas de perto por conta da pandemia do Covid-19.

Ao longo dos últimos meses, Maya me enviou uma série de trabalhos que fazem parte da exposição Espelho Espanto na Galeria Simões de Assis. Optamos por falar de dez desenhos, os tratando como possíveis pontos de entrada para o seu universo peculiar, os tais desenhos-testemunha, que guardam assuntos picotados e se reconfiguram a todo momento.

Poucos dias antes da montagem da exposição, eu finalmente vi os trabalhos ao vivo. Foi a primeira vez em vários meses que estive diante das pinturas recém finalizadas. Enfim pude conversar com a artista sem nenhum tipo de mediação eletrônica e ver os desenhos sobre os quais escrevi. Voltei caminhando para casa com os olhos cheios das cores de Maya e deixei ali algumas palavras que carregava no bolso: seguimos habitando limiares e conversando sobre pintura.

Fernanda Brenner

¹ Em 2019, Maya Weishof participou da residência do Pivô Arte e Pesquisa em São Paulo.

² Leminski, Paulo. *Sete Assuntos por Segundo* in *Toda Poesia*. Companhia das Letras, 2013, p. 254.

³ Leminski, Paulo. *Plena Pausa* in *Distraídos Venceremos*. Companhia das Letras, 1987.



In my first visits to Maya Weishof's studio at the Pivô Residence¹ in early 2019 her obstinate handling of a large scissors, different colored pencils and some brushes called my attention. It looked like some non-choreographed dance, of little understanding to passers-by in the halls, but not to the drawings scattered along the walls of the cubicle studio, since they always know what that is all about.

To Maya, some drawings are premises to paintings; others, are abandoned promises. The sketches on notebook pages coexist with ongoing paintings and others drying among papercuts and books sprinkled with paint drips.

How does all this connect? The dust in downtown São Paulo makes the sellotape stripes lose its glue and the flying papers seem to morph into fragments of bodies, little monsters, talking heads, and all sorts of non-identified anthropomorphic shapes jumbled on her canvases. In Maya Weishof's work, everything is interconnected but never pasted together. Her images are entangled on a free, frenzied rhythm and look as if they are always up for a change. From James Ensor to Peter Doig, from The Ugly Duckling to Jewish traditions, Maya's lysergic (but not psychedelic) compositions follow a peculiar palette, she is a sort of subtropical Sonia Delaunay which moves – elegantly and irreverently – between scatology and eroticism, haute couture and the underground.

Her fellow citizen from Curitiba, Paulo Leminski, wrote:

What is the use of painting
if not to convey
precisely the searching
of what it can best portray
while handling forty
enigmas times seventy?²

I always prefer enigma to ample proof. And in order to talk about Maya Weishof's multi-layered practice we embarked on a shared exercise, a sort of free association game where drawing and writing meet in a free and playful way. "There was never such a thing, a blank page. Ultimately, they all cry out, so loud as to be pale"³, says Leminski in another poem. And the starting point was exactly that: to overlap repertoires, affections, previous conversations and all sorts of online sharing brought by the impossibility to visit the artist and see the paintings up close due to Covid-19 pandemic.

Maya sent me a number of works that are part of the Espelho Espanto (Mirroring Astonishing) exhibition at Simões de Assis Gallery. We chose to talk about ten drawings, considering them as possible starting points to her unique universe, the so-called testimony-drawings that hold perforated themes and are constantly reconfigured.

A few days before the setting up of the exhibition I finally saw the pieces in person. It was the first time I was facing recently finished paintings in so many months. I could finally talk to the artist without any electronic mediation, and see the drawings I had been writing about. I walked back home with my eyes overwhelmed by Maya's colors, and left there some words I had been carrying in my pockets: we went on dwelling thresholds and talking about painting.

Fernanda Brenner

¹ In 2019, Maya Weishof participated in the Pivô Art and Research residency in São Paulo.

² Leminski, Paulo. Sete Assuntos por Segundo in Toda Poesia. Companhia das Letras, 2013, p. 254.

³ Leminski, Paulo. Plena Pausa in Distraídos Venceremos. Companhia das Letras, 1987.



Maya Weishof

Curitiba, 1993

Desenvolve sua prática em pintura como possibilidade visual a partir do interesse na figuração. Utiliza fragmentos, distorções, caricaturas e seres híbridos quando cria imagens. Assume o desenho como cerne do trabalho e o constrói a partir de memórias, mitos, cenas que dialogam com a história da arte ou, mais especificamente, com a história das imagens. A obra, mesmo que aponte para uma figuração, tenta escapar do estabelecimento de uma narrativa linear ou fechada em si mesma.

Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Paraná - UFPR em 2016, foi selecionada para o programa de residência artística da Zaratan Arte Contemporânea em Lisboa, Portugal e também selecionada para o edital Novas Poéticas que contemplava estudantes de artes visuais de todo o Brasil. Em 2017, integrou com três trabalhos a exposição A Vastidão dos Mapas no MON (Museu Oscar Niemeyer) com curadoria de Agnaldo Farias. No mesmo ano, participou do grupo de investigações práticas em pintura sob orientação de Regina Parra e Rodolpho Parigi em São Paulo e também do Núcleo de Artes Visuais SESI sob orientação de Ricardo Basbaum.

Em 2018, inaugura sua primeira individual em São Paulo na Zipper Galeria com curadoria de Nathalia Lavigne. No segundo semestre de 2018, participa do projeto expositivo Confluências Poéticas do SESC Paço da Liberdade em Curitiba junto de outros três artistas proeminentes na cena artística local. Em 2019, é selecionada para o programa de residência artística Pivô Arte e Pesquisa em São Paulo e integra a coletiva Estamos Aquil, com curadoria de Ana Rocha no MAC (Museu de Arte Contemporânea do Paraná) em Curitiba. No segundo semestre de 2019, Maya é convidada pela Cisterna Galeria em Lisboa para participar do programa de residência artística C-Lab e também realiza a individual Os Substitutos na Boiler Galeria em Curitiba.

Develops her practice in painting as a visual possibility based on her interest in the figurative. The artist uses fragments, distortions, caricatures and hybrid creatures when conceiving images. Weishof takes drawing as the core of her work as she builds it from memories, myths, scenes that dialogue with the history of art or, more specifically, with the history of images. Her work, even if it points to the figurative, tries to escape the premise of a narrative that is linear or closed in itself.

Graduated in Visual Arts at the Federal University of Paraná - UFPR in 2016, she was selected for the artistic residency program of Zaratan Arte Contemporânea in Lisbon, Portugal and also selected for the Novas Poéticas program that included students of visual arts from all over Brazil. In 2017, Weishof integrated the exhibition Vastidão dos Mapas at MON (Oscar Niemeyer Museum) with three works, curated by Agnaldo Farias. In the same year, the artist participated in the group of practical investigations in painting under the guidance of artists Regina Parra and Rodolpho Parigi in São Paulo and also in the SESI Visual Arts Center, oriented by artist Ricardo Basbaum.

In 2018, Maya Weishof opens her first solo show in São Paulo at Zipper Galeria, curated by Nathalia Lavigne. In the second half of 2018, she participates in the exhibition project Confluências Poéticas at SESC Paço da Liberdade in Curitiba with three other prominent artists in the local art scene. In 2019, Weishof is selected for the artistic residency program Pivô Arte e Pesquisa in São Paulo and is part of the collective Somos Aquil, curated by Ana Rocha at MAC (Museum of Contemporary Art of Paraná) in Curitiba. In the second half of 2019, Maya is invited by Cisterna Galeria in Lisbon to participate in the artistic residency program C-Lab and also opens her solo show Os Substitutos at Boiler Galeria in Curitiba.

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. dom pedro II 155
80420-060 pr brasil
+55 41 3232 2315